

Círculo vicioso

Milhares de alunos da rede de escolas do Estado do Rio estão sem professores, conforme constatou a Secretaria Estadual de Educação. Somente na Baixada Fluminense, que é a região mais afetada, são cerca de oito mil.

Os professores, no entanto, estão por perto: trabalhando em bibliotecas ou nas secretarias das escolas, desenvolvendo trabalhos pedagógicos e assim por diante. É o que acontece na grande maioria dos casos. Eles estão em atividade, cuidando de questões de importância e ligadas ao ensino.

O problema é que não estão ensinando, o que seria a sua função essencial. E esse absenteísmo resulta num esvaziamento pedagógico que é trágico para a escola pública.

A secretaria agiu da maneira correta, ao determinar o retorno imediato às salas de aula, sob pena de suspensão do pagamento dos salários. O que está sendo defendido é o interesse direto dos alunos, sobretudo, mas não é

só isso: outra questão está em jogo. Muitos professores se comprometem a trabalhar na Baixada ou em outras regiões carentes a fim de ingressar no serviço público. Depois, encontram meios de serem transferidos para atribuições onde encontram mais conforto e segurança.

A consequência é que o ensino deficiente resultante desse processo só

faz agravar as carências pedagógicas. E nesse caso, em vez de colaborar para atenuar os nossos desníveis sociais, o sistema educativo concorre para eternizá-los.

O ensino
deficiente
alarga o
desnível entre
as regiões
